

**JANE AUSTEN NO SÉCULO XXI:
CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA, RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NA WEB
SÉRIE *THE LIZZIE BENNET DIARIES*¹**

Giovana Montes Celinski²

“É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de uma esposa” (AUSTEN, 2010, p. 9). Assim inicia o famoso romance *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*) da escritora inglesa Jane Austen³, publicado originalmente em 1813. A web série *The Lizzie Bennet Diaries*, lançada em 2012, começa da mesma forma. Entretanto, diferentemente do livro, a releitura contemporânea da história mostra a protagonista lendo de forma irônica a mesma frase impressa em uma camiseta. O olhar que Lizzie lança para a câmera diz tudo: “Alguém acredita nessa bobagem”?

A web série *The Lizzie Bennet Diaries* apresenta o romance de Austen utilizando diversos espaços na Internet: o YouTube, o Twitter e o Tumblr, além de sites desenvolvidos especialmente para o desenvolvimento da trama. Nesses espaços, os personagens contam a sua própria história, interagem entre si e também respondem perguntas dos internautas. A partir de uma perspectiva de convergência tecnológica, são utilizados diversos meios e plataformas que, por sua vez, transmitem conteúdos diferenciados da mesma história. Nessa proposta, cada postagem e cada vídeo atuam como complementares, como múltiplas linhas narrativas que constituem a trama.

A releitura de *Orgulho e Preconceito* é considerada a primeira do formato e marca o início do fenômeno das web séries literárias (*BookTube web series*). Com o sucesso de *The Lizzie Bennet Diaries*, diversos produtos do gênero apareceram na rede, desde grandes produções até séries de baixo orçamento (EPLEY, 2015). O próprio site responsável pela

¹Artigo apresentado ao Eixo Temático 15 – Convergência tecnológica / Transmídia / Transmidiatização do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

²Graduada em Jornalismo (UEPG). Mestre em Comunicação (UFPR). Doutoranda em Comunicação e Linguagens (UTP). Integrante do Grupo de Pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais – INCOM (UTP). E-mail: gmontes_00@yahoo.com.br.

³ A escritora Jane Austen nasceu no presbitério de Steventon, Hampshire, Inglaterra, em 1775. Na infância, ela já era uma leitora voraz, pois aproveitava o acesso à biblioteca de seu pai, pároco do interior. Austen começou a escrever na adolescência, desenvolvendo a primeira versão de *Orgulho e Preconceito* entre 1796 e 1797, com o título de *Primeiras Impressões*. Em 1813, a escritora publicou a versão final da obra (O LIVRO..., 2016).

produção e publicação dos episódios dessa primeira web série, *Pemberley Digital*⁴, aproveitou o sucesso da empreitada inicial e já lançou outras produções: *Emma Approved* e *Welcome to Sanditon*, ambas inspiradas em romances de Jane Austen; *Frankstein MD*, baseada em *Frankstein*, de Mary Shelley; e *The March Family Letters*, releitura de *Little Women*, de Louisa May Alcott.

Além das produções desse site específico, também existem diversas outras releituras de clássicos literários que acompanham o fenômeno das web séries literárias, como: *The New Adventurers of Peter and Wendy*, baseada em *Peter Pan*, de J. M. Barrie; *Nothing Much to Do*, *Kate the Cursed*, *Lovely Little Losers*, *Jules and Monty* e *A Midsemester Night's Dream*, produções inspiradas em livros de William Shakespeare; *The Autobiography of Jane Eyre*, inspirada em *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë; e *Classic Alice*, que apresenta tramas de diversos clássicos literários.

Essas produções exploram potencialidades do meio online, como a interatividade e o hipertexto. Além de considerar esses aspectos dos processos comunicacionais, ou seja, na forma como a história é contada, essas clássicas narrativas também são apresentadas a novos leitores (e velhos também) com uma nova roupagem. Desta forma, os personagens são deslocados no tempo e no espaço para a contemporaneidade. Atualmente vive-se uma época de caos, fragmentação de identidades e consumo tecnológico desenfreado. As releituras dos clássicos se inserem nesse contexto, portanto assumem características desse panorama.

Nota-se que as tramas desenvolvidas por escritores, cineastas e artistas refletem relações sociais, espaços simbólicos de disputa e de diálogo e se associam também às dimensões da cultura. Ao tratar de obras literárias clássicas, essas histórias sobrevivem aos séculos e perpassam inúmeras gerações. Esses livros são considerados clássicos porque possuem um caráter de universalidade. As tramas atingem todas as épocas ao tratar da dimensão humana, pois remetem ao imaginário coletivo da humanidade.

Como o homem contemporâneo experimenta e conhece o mundo a partir da mediação tecnológica, atualmente o sujeito também tem contato com os clássicos literários a partir do meio online, das redes sociais e dos dispositivos móveis. O surgimento das web séries literárias reflete novos hábitos e comportamentos na forma de consumir histórias. Esse trabalho apresenta as primeiras considerações sobre rupturas e continuidades das narrativas clássicas apresentadas em novos formatos, a partir do contexto de convergência tecnológica, utilizando como objeto empírico o caso da web série *The Lizzie Bennet Diaries*.

⁴

O site está disponível no link: <http://www.pemberleydigital.com/>.

A fim de refletir sobre os processos comunicacionais contemporâneos imersos na sociedade tecnológica, é preciso considerar as características do caso analisado e sua evolução ao longo do tempo. Portanto, antes de tratar de releituras contemporâneas, é necessário discutir o conceito de clássico literário, assim como de identidades, as quais emanam dessas histórias durante séculos.

Identidades e cultura: a atemporalidade do clássico literário

Apresentar uma definição de clássico literário é uma tarefa árdua. Pode-se observar algumas características dessas obras, com o objetivo de se aproximar desse intento. Primeiramente, um clássico é uma obra constantemente relida (CALVINO, 2007). O leitor tem contato com o livro em diversos momentos e fases da vida. Além disso, a longevidade dessas narrativas também pode ser observada nos diversos formatos que elas assumem ao longo do tempo, como, por exemplo: livro, peça teatral, quadrinhos, filme, série televisiva, web série.

Nota-se, portanto, que toda releitura dessas obras se mostra inovadora, uma leitura de descoberta, assim como a primeira realizada (CALVINO, 2007). São “[...] livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los” (CALVINO, 2007, p. 10). O sujeito que relê a obra tem contato com a mesma trama, mas ele não é o mesmo quando reencontra a história, possui outros anseios, encontra-se em outra fase da vida e compreende o mundo de uma forma diferenciada.

Além disso, esses livros têm a potencialidade de serem esquecidos ao longo do tempo, mas lembrados quando necessário. Desta forma, os clássicos se mostram contraditórios: ao mesmo tempo são inesquecíveis, mas também se escondem na memória, fazendo parte do inconsciente coletivo e individual (CALVINO, 2007).

Outros aspectos do clássico literário também merecem destaque, como: “Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura. [...] Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 2007, p. 11). Nesse sentido, esses livros trazem marcas do passado, impressões de leituras dos próprios autores das obras, revelam traços que deixaram nas culturas que atravessaram, em hábitos, costumes e

linguagem de um povo (CALVINO, 2007). Essas obras tratam da cultura⁵ de determinado tempo.

Logo, essas histórias clássicas carregam estruturas de sentimento (*structures of feeling*), ou seja, são padrões culturais de experiências e modos de vida compartilhados socialmente por sujeitos que vivenciam um mesmo período (WILLIAMS, 1979). A noção de estrutura de sentimento mostra que certas experiências e relações sociais, a partir de suas especificidades, identificam determinada geração ou período. É importante também ressaltar que, além desse aspecto das experiências e relações sociais, as estruturas de sentimento também se encontram em processo, causam perturbações em “velhas formas”, mas também acontecem em uma “continuidade viva”, pois acompanham a dinamicidade da própria sociedade e suas transformações ao longo do tempo (WILLIAMS, 1979, p. 134).

Desta forma, as narrativas clássicas refletem a cultura e as identidades culturais compartilhadas socialmente. A construção da identidade do sujeito na contemporaneidade é um processo complexo e problemático, pois acontece na fragmentação e liquidez da sociedade atual. Nesse período, os indivíduos se constituem em facetas contraditórias (HALL, 2005). Trata-se do resultado da interação entre diversas culturas, dimensões sociais e históricas e da (re)construção da memória.

Nesse sentido, o processo de construção das identidades está sempre a se concretizar, permanece incompleto (HALL, 2005). No período contemporâneo, por exemplo, o homem vê suas identidades refletidas nos cacos de um espelho – são fragmentos contraditórios, sincrônicos, dialógicos; e refletem a complexidade desses tempos de velocidade tecnológica. Os sujeitos constroem e reconstróem as identidades culturais ao longo do tempo. As narrativas literárias clássicas acompanham e documentam esse processo, o qual é constituído a partir de permanências e rupturas.

Nota-se que diversas identidades culturais emergem dos personagens das web séries literárias. Por exemplo, em *The Lizzie Bennet Diaries*, Elizabeth não é mais uma moça da Inglaterra Regencial que acompanha suas irmãs em bailes, com o objetivo de encontrar maridos (parte da trama original desenvolvida por Austen em seu romance). Na releitura da

⁵ O conceito de cultura se refere a modos de vida, ideias, costumes e crenças compartilhadas socialmente. Também se entende como cultura a arte e a vida intelectual: “[...] processos especiais de descoberta e esforço criativo” (WILLIAMS, 1958, p. 2). Nesse trabalho, ao utilizar o conceito, compreende-se cultura como um modo de vida, utilizando a perspectiva da primeira significação apresentada por Williams (1958).

obra, Lizzie Bennet é uma estudante de Pós-Graduação em Comunicação, que transforma os *vlogs*⁶ autobiográficos que posta na Internet em seu trabalho Final de Conclusão de Curso.

Nesse exemplo, a personagem principal foi modificada na versão contemporânea do clássico, a fim de ser inserida em um cenário dos dias atuais. O mesmo processo ocorreu com os demais personagens da série. Ressalta-se que a adaptação manteve as características marcantes dos personagens, os relacionamentos e seus respectivos conflitos da história original. Todas essas identidades continuam a dialogar, convergir, conflitar; e resultam na configuração de uma sociedade complexa e na definição fragmentária do sujeito contemporâneo, que conhece o mundo por meio da mediação tecnológica.

As identidades culturais são pontos de identificação do sujeito e, ao mesmo tempo, também se apresentam como “pontos instáveis”, pois estão em permanente contato com os outros grupos, outras manifestações culturais. Desta forma, as identidades se tornam pontos de reconhecimento do sujeito; são construídas e reconstruídas nas diferenças simbólicas e sociais das comunidades (HALL, 2005).

Nesse sentido, as identidades dos personagens de *The Lizzie Bennet Diaries* se apresentam como “pontos instáveis”, pois se alteram a partir da sociedade em que estão inseridos. Logo, ler Jane Austen nos anos 1900 é uma experiência diferente de ler a história nos dias atuais. Nas releituras das narrativas clássicas, os personagens ganham novos contornos e se alteram a fim de se inserirem em um contexto e sociedade específicos. Entretanto, mesmo que as identidades sejam “reconstruídas”, a sua estrutura e características principais permanecem, pois ao mesmo tempo em que as identidades são “pontos instáveis”, elas também são consideradas “pontos de identificação” do sujeito (HALL, 2005). É o que faz com que *Orgulho e Preconceito* e suas respectivas releituras sejam reconhecidas como determinada história, pois apresentam uma trama e personagens que o leitor espera encontrar.

Ao considerar a (re)construção das identidades culturais e a migração das narrativas clássicas para outros formatos na contemporaneidade, ressalta-se também que, mesmo tendo sido escritas em um período específico do passado, essas histórias permanecem relevantes para a compreensão dos tempos posteriores a elas, pois “[...] os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 2007, p. 16). Essas obras possuem um caráter de universalidade, porque ultrapassaram o tempo em que foram escritas, trazendo

⁶ *Vlog* (abreviação de *videolog*) se trata de uma produção audiovisual “amadora” direcionada para a publicação em canais pessoais do YouTube. São produções de baixo custo, que se estruturam no conceito de monólogo realizado diretamente para a câmera. Os *vlogs* são vídeos curtos e podem tratar de diversos assuntos, desde política até acontecimentos da vida cotidiana (BURGUESS; GREEN, 2009).

experiências, sentimentos, características sociais e identidades culturais inerentes à humanidade, que fazem parte do imaginário coletivo.

O dia de hoje pode ser banal e mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para frente ou para trás. Para poder ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal. (CALVINO, 2007, p. 14).

Como anteriormente apontado, os clássicos literários tratam dos anseios, angústias e desejos inerentes à humanidade. A fim de discutir sobre as rupturas e permanências das narrativas clássicas em um formato específico – a web série -, além de refletir sobre as características dos clássicos literários e das experiências e identidades que eles carregam, também é necessário apresentar o contexto atual em que essas histórias estão inseridas.

Contemporaneidade e os clássicos literários: a experiência da história em outros suportes tecnológicos

Atualmente os sujeitos vivem em ritmo acelerado, constantemente conectados em seus dispositivos móveis, interagindo nas redes sociais e consumindo notícias, informações e histórias pelos *smartphones*. As experiências dos indivíduos estão imersas nesses “tempos líquidos” (BAUMAN, 2007) da contemporaneidade. A liquidez se apresenta como uma marcante característica do tempo presente, pois as instituições historicamente consolidadas (ex: Igreja, Estado, Família) se dissolvem, fragmentam-se rapidamente na atualidade.

Nesse contexto, por exemplo, o Estado perde sua “substância”, pois a sociedade atua em forma de redes simultaneamente às ações e interações que ocorrem no mundo *offline*, com o uso de múltiplas conexões mediadas, diferentemente dos modelos tradicionais, em que a sociedade se constitui de uma estrutura sólida, dificilmente modificável (BAUMAN, 2007). Nota-se aqui o aspecto da “liquidez” dos tempos contemporâneos, que reflete as organizações e identidades fragmentárias dos dias atuais, as quais se encontram em constante processo de (re)construção.

Além disso, o colapso das instituições mostra a própria fragmentação da vida cotidiana. As ações e objetivos são realizados em curto prazo, voltados para as necessidades do presente. Os sujeitos passam a viver episódios breves na contemporaneidade (BAUMAN, 2007). As web séries refletem essa imediatividade, pois os episódios de *The Lizzie Bennet Diaries* possuem uma média de duração de três a cinco minutos, tempo que se adequa à alta

velocidade em que o indivíduo consome conteúdos e histórias. Nota-se, nessa questão, uma importante mudança nas releituras contemporâneas das narrativas clássicas: a temporalidade.

Ao considerar os clássicos da literatura, o tempo em que se passa a história no romance original é mais lento, denso, rico em descrições detalhadas sobre os ambientes, personagens e acontecimentos. A leitura da narrativa completa não pode ser concluída em poucos minutos. Diferentemente de quando a mesma história, por exemplo, é apresentada no cinema. O enredo precisa ser condensado em poucas horas, logo muitos detalhes, diálogos e nuances são cortados, a fim de apresentar uma narrativa cinematográfica coerente. Entretanto, mesmo que exista essa edição do romance original, uma releitura de um clássico literário ainda precisa manter a estrutura principal da história, seus personagens e a respectiva relação entre eles. Apenas dessa forma, uma adaptação será reconhecida como tal.

Quando as releituras dos clássicos literários migram para a televisão e para a internet, assumindo o formato de séries e web séries, a temporalidade muda também. Não se assiste mais a história na sala escura do cinema. Essas narrativas se inserem na vida privada, por meio da televisão, dos computadores e dos dispositivos móveis. A televisão segmentou a releitura dos clássicos literários em diversos episódios, com o objetivo de atrair a atenção do público, cativando uma audiência que acompanha a história ao longo de algumas semanas, em um canal específico e em dias e horários determinados.

No meio online, as web séries se adaptam as características da rede e aos hábitos dos usuários. Desta forma, essas releituras contemporâneas dos clássicos literários consideram o costume dos indivíduos de estarem conectados constantemente na internet, migrando velozmente de uma rede social para outra, de um espaço para outro. Observa-se também que o tempo de leitura do internauta é menor do que o tempo de leitura de um leitor de livros impressos, por exemplo. Ou seja, o usuário da internet normalmente não permanece por um longo período de tempo em um único site. Logo, é preciso adequar a temporalidade do produto comunicacional ao respectivo meio em que ele está inserido e ao público para o qual ele é direcionado.

A partir disso, observa-se que as identidades, a cultura das pessoas de um determinado tempo e os aspectos da contemporaneidade acima discutidos naturalmente se refletem nos processos comunicacionais e produtos midiáticos desenvolvidos. Tem-se o exemplo empírico das web séries literárias, produtos que são desenvolvidos acompanhando a liquidez e a alta velocidade do período contemporâneo, concretizando-se por meio do uso de diversos suportes, a partir da convergência tecnológica.

Observa-se que a convergência de diversos suportes tecnológicos já ocorria anteriormente à internet (jogos, filmes, programas de tabuleiros, livros, quadrinhos, brinquedos) e se complexificou com o desenvolvimento do computador, da internet e dos dispositivos móveis. Desta forma, nota-se que a convergência de meios não se trata de um processo tecnológico, mas sim cultural (JENKINS, 2009). Ou seja, os comportamentos, experiências e identidades socialmente compartilhadas refletem no uso das tecnologias.

De acordo com Jenkins (2009), *Matrix* é o grande exemplo da era da convergência, pois a narrativa criada, devido à sua amplitude, não pode ser apresentada em um único meio de comunicação. “Nunca uma franquia de filmes exigiu tanto de seus consumidores” (JENKINS, 2009, p. 136). O anúncio de pré-lançamento já provocava o público a investigar o universo da *Matrix* na internet, apresentando a seguinte pergunta: “O que é Matrix”?

O primeiro filme, lançado em 1999, apresenta um universo em que corpos humanos são estocados por máquinas, a fim de servir como fonte de energia. Enquanto adormecidos, os humanos têm alucinações digitais, imaginando viver uma realidade calma e sem confronto com as máquinas que dominam o mundo. Mas além da trilogia de filmes, os irmãos Wachowski, criadores da narrativa, levaram a *Matrix* para outras mídias.

Os irmãos Wachowski jogaram o jogo transmídia muito bem, exibindo primeiro o filme original, para estimular o interesse, oferecendo alguns quadrinhos na web para sustentar a fome de informações dos fãs mais exaltados, publicando o anime antes do segundo filme, lançando o game para computador junto com o filme, para surfar na onda da publicidade, levando o ciclo todo a uma conclusão com *Matrix Revolutions*, e então transferindo toda a mitologia para um jogo on-line para múltiplos jogadores em massa. (JENKINS, 2009, p. 137).

Para Jenkins (2009), o fenômeno *Matrix* foi o início do desenvolvimento das narrativas transmídia. Nesse formato, a história acontece em múltiplas plataformas, nas quais cada espaço apresenta conteúdos diferentes e relevantes para a compreensão total da narrativa. Cada meio de comunicação potencializa a história a partir de suas singularidades, “[...] a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões” (JENKINS, 2009, p. 138). Nota-se, portanto, como aponta Jenkins (2009), que cada ponto de acesso à franquia é autônomo. Desta forma, não é necessário ler o livro para entender o filme, ou assistir o filme para gostar do game, por exemplo.

“Cada vez mais, as narrativas estão se tornando a arte de construção de universos, à medida que os artistas criam ambientes atraentes que não podem ser completamente explorados ou esgotados em uma única obra, ou mesmo em uma única mídia” (JENKINS,

2009, p. 161). Portanto, o autor aponta que as histórias estão se complexificando, o que possibilita a criação de novas possibilidades de construção narrativa, pois o enredo não precisa ser linear, ao considerar a multiplicidade de pontos de acesso autônomos para se ter contato com a história.

Logo, diversos artistas e produtores já incorporaram os princípios transmídia em suas produções, o que mostra que a narrativa transmídia está no centro da cultura da convergência. Ao considerar o uso de diversos espaços e plataformas digitais para a construção de uma história, nota-se que a cultura da convergência se mostra propriamente como um “processo de evolução cultural”, pois a convergência dos meios reflete a cultura e a configuração da sociedade contemporânea. A partir da liquidez contemporânea e da fragmentação das identidades dos sujeitos, observa-se que cada vez mais as narrativas percorrem um grande número de espaços e meios de comunicação, o que resulta em uma profundidade de experiência que antes não existia (JENKINS, 2009).

Além disso, a cultura da convergência deu visibilidade para a cultura dos fãs. Como segmento mais ativo do público, os fãs passam a insistir no seu papel como “participantes plenos” da narrativa. Por exemplo, em Guerra das Estrelas, eles realizam filmes caseiros, produção de figurinos e de fanzines. Desta forma, os fãs buscam participar da história e a internet potencializa suas interações com o universo ficcional, com os personagens e com outros fãs (JENKINS, 2009). Nota-se essa intensa participação dos fãs na história no próprio objeto empírico analisado: a web série literária. Nas produções desse formato, os internautas têm possibilidade de seguir seus personagens favoritos e interagir com os mesmos. Na web série “Welcome to Sanditon”, por exemplo, foi possível aos fãs gravar seu vídeos caseiros que, se selecionados, apareceram nos episódios principais da série.

Jenkins (2009, p. 189) coloca que essa é a grande transformação midiática contemporânea: “[...] o direito que as pessoas comuns têm de contribuir ativamente com sua cultura”. O autor também aponta que “[...] esta nova cultura vernácula incentiva a ampla participação, a criatividade alternativa e uma economia baseada em trocas e presentes”. Para Jenkins (2009), esse processo mostra que os consumidores assumiram o controle das mídias. O autor também ressalta que, mesmo que todos sejam participantes na cultura da convergência, existem diversos graus de status e influência na construção da narrativa.

Portanto, voltar-se para o conceito de convergência auxilia no entendimento de como os sujeitos utilizam e se apropriam dos meios de comunicação. Na contemporaneidade, experimenta-se o mundo a partir da mediação tecnológica. As web séries literárias se inserem nesse contexto de convergência, ao utilizar diversos suportes tecnológicos (YouTube, Twitter,

Facebook, Tumblr, sites direcionados, livros, DVDs) para apresentar determinada história. Os conteúdos apresentados em cada espaço se mostram complementares, com o objetivo de instigar o internauta a descobrir “os segredos” da história dispersos no meio online, como será observado a seguir no caso empírico analisado.

O caso *The Lizzie Bennet Diaries*: como as histórias literárias clássicas são reapropriadas na contemporaneidade?

A sra. Bennet tenta desesperadamente casar suas cinco filhas. A família Bennet não vive tão bem financeiramente e, com o pai idoso, a casa ficará com um primo distante da família. Na época, mulheres não herdavam imóveis. Logo, nos anos 1800, o “bom casamento” para as mulheres era essencial para atingir o status social desejado (O LIVRO..., 2016). Esse é o início da trama desenvolvida por Austen em *Orgulho e Preconceito*.

A história é contada a partir da perspectiva da personagem principal: Elizabeth Bennet. Inteligente e com um humor satírico, a personagem conhece Fitzwilliam Darcy, um aristocrata orgulhoso e arrogante (O LIVRO..., 2016). No romance, o casal passa por diversos acontecimentos e confusões que irão tensionar seus orgulhos, preconceitos e visões de mundo. Austen tece a narrativa de Elizabeth e Darcy satirizando as diferenças e preconceitos sociais da época em que vivia.

Considerado um romance de costumes, o livro *Orgulho e Preconceito* realiza uma crítica sobre a pequena nobreza inglesa local. O romance de costumes é normalmente escrito de forma satírica. Trata-se de um estilo literário que investiga valores e contradições da sociedade ao apresentar como cenário da narrativa as classes média e alta. O realismo literário, ou seja, o retrato fiel da vida das pessoas comuns, é um elemento essencial na construção desse tipo de romance (O LIVRO..., 2016).

Os romances de Jane Austen são exemplos perfeitos desse tipo de literatura ao fazerem sátira moderada dos costumes das gentes de boa família do interior britânico e ao zombarem dos dramas excessivamente indulgentes do romantismo gótico. Austen enfatiza as vulgaridades e frivolidades dos estratos superiores ingleses: a importância da classe, o estigma da inferioridade social e o sistema patronal são encenados por meio de bailes, visitas e fofocas. (O LIVRO..., 2016, P. 118).

As histórias de Austen foram apresentadas a diversas gerações ao longo dos séculos. Os romances foram adaptados, traduzidos e relidos. Essas narrativas clássicas se modificaram

ao longo dos anos, inserindo-se em novos contextos sociais, mas sem perderem sua essência. A narrativa de *Orgulho e Preconceito* foi transformada em peças de teatro, séries televisivas, filmes cinematográficos e web séries.

A web série *The Lizzie Bennet Diaries* foi veiculada de abril de 2012 a março de 2013, contou com 100 episódios (em formato de *vlogs*) no canal da personagem principal (*Lizzie Bennet*) no YouTube, além de tuítes, posts no Tumblr, vídeos em canais específicos dos outros personagens da história e de um livro (*O diário secreto de Lizzie Bennet*) da série. Até o dia 31 de dezembro de 2016, o canal no YouTube *The Lizzie Bennet Diaries* tinha mais de 268 mil inscritos. O primeiro *vlog* da série (*My name is Lizzie Bennet*), episódio em que a personagem principal se apresenta para os internautas, até o fim de dezembro possuía mais de dois milhões e 600 mil visualizações.

Nota-se que a série explora a interatividade, pois os internautas podem conversar com os próprios personagens, o que se diferencia do romance original. Nesse sentido, a web série aproveita a potencialidade do meio online para aproximar o leitor da história. Por exemplo, em diversos momentos da série, Lizzie se dirige diretamente ao seu público e está consciente dos milhares de fãs que acompanham sua história. A personagem nunca está sozinha com seus pensamentos, como acontece no romance original. Lizzie traz amigos para participar de seus *vlogs*, realiza seções de perguntas e respostas com o seu público. No desenvolvimento dos episódios, a protagonista passa a compartilhar aspectos mais íntimos e desconfortáveis de sua vida, porque sente que “deve” isso aos fãs. Em determinado momento, Lizzie fala: “Parece que esses vídeos são maiores do que eu agora (*They are something bigger than me now*)” (KELLEHER, 2015)⁷.

Além disso, outra ruptura importante que pode ser percebida entre a web série e o texto original é que a vida da personagem em *The Lizzie Bennet Diaries* é encarada como “em progresso”. Não se trata de uma história completa, pois o público pode questionar, interferir e participar das ações realizadas pela protagonista. Nesse sentido, o romance original possui um caráter mais individual, que acompanha os pensamentos privados de Elizabeth. Já na web série, trata-se de um trabalho coletivo, pois a personagem interage com os fãs a todo o momento, nos comentários, tuítes e nos próprios vídeos (KELLEHER, 2015).

É importante ressaltar que as transformações que a narrativa clássica realizou ao longo do tempo, a fim de adaptar-se a novos formatos e suportes, não apontam para uma obsolescência dos meios de comunicação mais antigos, como o livro, por exemplo. A obra

⁷ Julie Salmon Kelleher é uma estudiosa dos romances dos anos 1800. As informações foram retiradas da fala que Kelleher (2015) realizou em um evento da TEDx, vídeo posteriormente disponibilizado no YouTube.

Orgulho e Preconceito original, dentro da literatura inglesa, é vista como um romance (no original, *novel*, palavra que significa “novo”), gênero conhecido por inovações (KELLEHER, 2015).

Desta forma, Austen trouxe, para suas obras, técnicas literárias que antes não eram utilizadas, como o discurso indireto livre. Essa técnica narra o encadeamento detalhado dos pensamentos dos personagens, momento a momento, exatamente com as palavras utilizadas pelos sujeitos. A narrativa é apresentada em terceira pessoa. Por exemplo, no discurso indireto livre se utiliza “ela lembra”, ao invés de “eu lembrei” (KELLEHER, 2015).

Essa técnica atualmente faz parte do discurso popular e já está naturalizada no desenvolvimento de romances. Todavia, na época de Austen, o uso do discurso indireto livre causava estranhamento, pois se tinha acesso a todos os pensamentos dos personagens sem eles contarem em primeira mão. Antes dessa época, os escritores utilizavam cartas e diários como estratégias para apresentar os pensamentos e intimidades dos sujeitos envolvidos na história (KELLEHER, 2015).

Ao considerar que o próprio romance original já apresentava inovações quando publicado, observa-se as especificidades de cada suporte tecnológico – o livro e a internet. A fim de discutir algumas rupturas e permanências dessa narrativa nesses dois suportes tecnológicos, seguem dois exemplos de como momentos da história são tratados diferentemente por ambas as mídias.

1. Elizabeth e Darcy se desentendem. Darcy escreve uma carta à mão para explicar o seu lado da história. No livro, o leitor tem acesso ao conteúdo da carta devido à técnica do discurso indireto livre, que possibilita apresentar os pensamentos da personagem no momento em que lê a carta. Na web série, Lizzie inicialmente mostra a carta lacrada ao público. A personagem fica chocada e fala: “Ela é manuscrita e selada... ele não usa e-mail?” A protagonista deixa claro que a carta é um objeto do passado e não pertence ao mundo contemporâneo digital.

No momento em que Lizzie lê a carta, ela se choca e imediatamente desliga a câmera. Diferentemente do romance, o internauta não descobre o conteúdo da carta naquele momento, pois não tem acesso aos pensamentos da personagem. Nota-se aqui uma especificidade da história no suporte digital: a diferença entre o público e o privado. A personagem mostra que algumas informações não devem ser compartilhadas, ou seja, publicadas na internet (KELLEHER, 2015).⁸

⁸ Os produtores da web série aproveitaram esse nicho para lançar o livro *O Diário Secreto de Lizzie Bennet*, que revela detalhes íntimos da vida da protagonista que não aparecem nos vídeos.

Uma continuidade que pode ser observada na história é a reação da protagonista ao ler a carta. Tanto no romance, quanto na web série, Elizabeth não revela as informações da carta a ninguém, nem aos seus amigos, nem ao público. Ao considerar que o documento possui informações delicadas, a personagem respeita a confiança nela depositada por Darcy (KELLEHER, 2015). Nota-se aqui a estabilidade das identidades culturais (HALL, 2005), pois a protagonista apresenta as mesmas características de sua personalidade na narrativa de ambos os suportes analisados.

No segundo exemplo, são observadas algumas similaridades nas ações e na reação da protagonista a determinada situação:

2. Na história original, George Wickham foge com a irmã mais nova de Elizabeth, Lydia Bennet. Na época, a fuga de moças solteiras significava um grande escândalo social. Na web série, também envolvido com Lydia, Wickham ameaça divulgar um filme de sexo (*sex tape*) na internet. Em ambos os casos, Lizzie fica horrorizada. No livro, Elizabeth comenta sobre a situação de sua irmã: “Ela está perdida para sempre” (*She is lost forever*). Na web série, por sua vez, ela diz: “A internet é para sempre” (*The internet is forever*) (KELLEHER, 2015).

Desta forma, nota-se que a forma e o meio em que o personagem está inserido afetam o conteúdo dito pelo personagem (KELLEHER, 2015). Nesse caso, a forma como a protagonista reage depende de uma situação específica. É importante ressaltar também que, ao considerar o contexto contemporâneo em que a web série está inserida, não faria sentido manter a situação da história original, em que a irmã solteira de Elizabeth foge com Wickham.

Ao considerar que *The Lizzie Bennet Diaries* se passa na contemporaneidade e que a instituição do casamento se enfraqueceu ao longo dos anos, com o surgimento de movimentos sociais como o feminismo, por exemplo, se Lydia fugisse com Wickham na web série, não seria uma situação tão indecorosa e escandalosa como no romance original. Assim, a situação da ameaça de divulgar um filme de sexo faz mais sentido no contexto da releitura contemporânea, pois se trata de um escândalo de grande impacto, como o que acontece no livro.

A partir desses exemplos investigados, observou-se algumas permanências e rupturas na narrativa de *Orgulho e Preconceito* ao comparar os suportes livro e internet. A história de Elizabeth e Darcy se adapta ao contexto social em que é lida no momento, pois os clássicos auxiliam os sujeitos a compreender a si mesmos perante o mundo (CALVINO, 2007). Considerando as migrações da trama para os diversos suportes tecnológicos (cinema, televisão, internet), nota-se que a narrativa se adapta e utiliza as potencialidades de cada meio.

Considerações finais

Os clássicos permanecem ao longo do tempo por auxiliarem os sujeitos a se situar no mundo (CALVINO, 2007), trazendo experiências, identidades e temas que fazem parte do imaginário coletivo. Mas, ao mesmo tempo, essas histórias sobrevivem porque têm a capacidade de acompanhar as mudanças culturais e sociais e de se adaptar a novas práticas e processos comunicacionais. Desta forma, as narrativas clássicas estão presentes nos mais diversos suportes tecnológicos.

Ao discutir algumas continuidades e rupturas da história de *Orgulho e Preconceito* nos suportes livro (texto original) e internet (web série literária), observa-se que ao trazer as histórias clássicas para novos formatos, não significa que será preciso abandonar os antigos meios de comunicação utilizados. Ao adaptar a história para diferentes suportes e plataformas, também não significa que uma das mídias será qualitativamente “melhor” ou “pior” do que a outra.

The Lizzie Bennet Diaries é um exemplo de como a migração do clássico literário para novos suportes pode ser bem-sucedida. Para tanto, é necessário equilibrar os elementos estáveis (os personagens, suas personalidades e características específicas, os relacionamentos), ou seja, as permanências que identificam a história como tal, e os elementos instáveis (contexto social e cultural), ou seja, as rupturas necessárias para se apresentar um clássico no contexto contemporâneo.

Desta forma, nota-se que as continuidades se fazem necessárias, pois são elementos de reconhecimento da narrativa. E as rupturas se mostram igualmente importantes, pois o processo de migração da história clássica para outras mídias reflete a própria dinamicidade e fluidez da vida cotidiana.

Palavras-chave: clássico literário; web série; convergência tecnológica; Jane Austen; *The Lizzie Bennet Diaries*.

Referências bibliográficas

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo, SP: Abril, 2010. 464p.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2007. 119p.

BURGUESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo, SP: Aleph, 2009. 239p.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007. 285p.

EPLEY, Robin. 7 Literary Web Series you should be watching based on your favorite book. Disponível em: <<http://www.bustle.com/articles/98948-7-literary-web-series-you-should-be-watching-based-on-your-favorite-book>>. Acesso em: 20 out. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2005. 97p.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo, SP: Aleph, 2009. 432p.

KELLEHER, Julie Salmon. What Jane Austen can teach us about our new internet selves. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2VBs8Oqbw3k>>. Acesso em 04 nov. 2016.

O LIVRO da Literatura. Organização James Canton... [et al.]. São Paulo, SP: Globo, 2016. 352p.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979. 251p.

_____. A cultura é de todos (Culture is ordinary). Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/williams-raymond-culture-is-ordinary-trad-maria-elisa-cevasco.html>>. Acesso em 12 nov. 2016.